

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDENAL, Ernesto: *La Santidad de la Revolución* (Col. Pedal 58). 103 pp., 18 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1976.

Ernesto Cardenal, discípulo de Thomas Merton na trapa de Gethsemany em Kentucky (EUA), sacerdote, poeta e criador de uma pequena comunidade entre os camponeses do arquipélago de Solentiname (Nicarágua), oferece nestas páginas um depoimento de sua vida, sua visão do momento latino-americano atual, suas impressões sobre sua viagem a Cuba. Impressões aliás já publicadas em livro com o título "En Cuba", Ed. Carlos Lohlé, Buenos Aires. Ernesto Cardenal também é conhecido entre nós pelos seus "Salmos", cuja tradução em português diz desconhecer em carta a D. Pedro Casaldáliga, também inserida neste livro (cfr. pgs 93-103). No último número de "PERSPECTIVA TEOLÓGICA" tivemos oportunidade de comentar seu livro "El Evangelio en Solentiname", em que podemos conhecer melhor esta comunidade cristã, que se tem convertido "em um centro de meditação e diálogo, num lugar de peregrinação" segundo a apresentação de Hermann Schulz, pg 9.

Cardenal nesta obra acentua a sua crença, a sua convicção de que o monge, o contemplativo é na realidade um revolucionário e assim que no dia em que haja uma sociedade justa já não se necessitará mais de mosteiros. "Na realidade, eu me tenho politizado com a vida contemplativa" diz Cardenal (pg 20).

Narra ainda a sua participação na tentativa de golpe contra Somoza em 1954, o surgimento da comunidade de Solentiname, sua visão revolucionária do matrimônio e do celibato ("Eu creio que o celibato é realmente revolucionário" pg 45), da poesia, da Igreja.

Livro de fácil leitura, com ilustrações fotográficas, com poesias de sua autoria, que nos oportuniza conhecer melhor a vida e a obra deste poeta e profeta desta nossa América Latina.

Inácio Neutzling

LESBAUPIN, Ivo: **A Bem-Aventura da Perseguição. A vida dos cristãos no Império Romano.** 104 pp., 21 x 14 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1975.

Um livro de projeção autobiográfica sobre o passado. Escrito na Penitenciária Regional de Presidente Wenceslau, dá a impressão de ter sido composto, em primeiro lugar, para responder às interrogações que o próprio Frei Ivo se fazia a si mesmo: por que sofro perseguição, se a minha ação era uma tentativa de ajudar aos meus irmãos? Na primeira e segunda parte, tenta responder mediante um exemplo: as perseguições da Igreja primitiva no Império Romano; na terceira e quarta, procura desenvolver uma reflexão teológica sobre a bem-aventurança da perseguição, já anunciada por Cristo e mais sistematizada no grande livro da esperança, que é o Apocalipse.

Precisamente por essa característica de projeção autobiográfica, é um livro comovente, realista e profundamente humano. Mas também não está completamente isento de algumas idealizações, na descrição dos fatos, e de certas ideologizações, na procura das causas. Isso, contudo, não tira o valor da obra, que, no seu conjunto, se recomenda para a meditação de todos os que tendemos a instalar-nos no comodismo e na adaptação à sociedade que nos rodeia.

J. Hortal

TRESMONTANT, Claude: **El problema de la revelación.**

Tradução castelhana do original francês por Francisco Herrero Martín (Biblioteca Herder, Sección de Teología y Filosofía, vol. 134). 348 pp., 22,2 x 14,4 cm, Editorial Herder S.A., Barcelona (Espanha). 1973.

Na sistemática apologética do autor, a presente obra parece querer corresponder a um segundo passo, depois da refutação do ateísmo e conseqüente demonstração do monoteísmo (cf. do autor, **Los problemas del ateísmo**, apresentado neste mesmo número de **Perspectiva Teológica**). Sempre no intento de substituir o "fideísmo" reinante também entre católicos por uma prova racional da fé, o autor passa neste livro à prova da revelação. O livro examina a revelação no Antigo Testamento para concluir que a prova decisiva é a ação criadora de Deus na história de Israel e, com ela conexas, o argumento

profético, pelo qual Javé (que o autor escreve sempre na grafia Yhwh) se mostra como Senhor da história.

F. T.

TRESMONTANT, Claude: **Los problemas del ateísmo**. Tradução castelhana do original francês por Francisco Herrero (Biblioteca Herder, Sección de Teología y Filosofía, vol. 151) 456 pp., 22,2 x 14,4 cm, Editorial Herder S.A., Barcelona (Espanha), 1974.

O livro divide-se em duas partes. Na primeira o autor apresenta um estudo histórico-crítico de 25 séculos de ateísmo (cf. 448), pois o autor buscará as últimas raízes do ateísmo no próprio surgir da filosofia grega. De fato, sua noção de ateísmo é imensamente ampla, incluindo todas as formas de panteísmo e animismo (cf. 15 s e passim) (por serem monismos: cf. 52), tudo enfim que não seja a "ontologia hebraica" que para o autor é idêntica com a tomística (cf. 28). Aliás, o termo "ontologia hebraica" é ele próprio de um hibridismo mais do que discutível. A interpretação que o autor oferece, da imensa lista de autores tratados não é isenta de exageros. O autor conclui de seu estudo histórico-crítico que o ateísmo é ilógico e irracional. O ateísmo é uma fé irracional.

A segunda parte procura arrolar algumas razões e causas do ateísmo e vai encontrá-las especialmente em desvios teológicos como a teoria luterana do pecado original, a ojeriza à crítica bíblica, as falhas no ensino teológico. Seria propriamente um tocante "mea culpa", se o autor não sugerisse simplistamente que os inimigos de Deus poderiam ter visto que não combatiam a interpretação autêntica do cristianismo (cf. 426).

O livro, cujo tom é polêmico, simplifica bastante os problemas. Combata-se o ateísmo, é justo e necessário. Mas reconheça-se que o problema é mais profundo do que Tresmontant o considera.

F. T.

TROCMÉ, André: **Jesus Cristo e a Revolução não-violenta**. Tradução do original francês por Almiro de Andrade, OFM. 246 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1973.

O autor parte, nesta obra, de algo que pretende ser uma

intuição: o convencimento de que o ministério público de Jesus foi, fundamentalmente, a proclamação de um jubileu, tal como é descrito no capítulo 25 do Levítico, e nas outras fontes vétero-testamentárias. Daí deriva uma posição revolucionária não-violenta, que quer ser uma rejeição tanto das filosofias e das teologias do desespero, quanto das análises lúcidas e frias, que formulam os problemas, sem jamais resolvê-los.

A primeira premissa de TROCMÉ me parece evidente: Jesus só pode ser compreendido a partir do Antigo Testamento; era judeu e viveu entre judeus. Mas o que não aparece tão evidente, precisamente pelo contexto judaico-palestinense do séc. I a.C., é que as palavras de Cristo, ao citar Isaías no capítulo quarto de São Lucas, se possam e se devam entender literalmente como a proclamação de um jubileu. Os argumentos trazidos pelo autor são, na sua grande maioria, apenas puras coincidências verbais. O uso de certas palavras gregas, como *aphiemi* ou *apokatástasis*, não aparece ligado nos Evangelhos a uma concepção jubilar. Se os evangelistas tivessem querido, tão insistentemente como TROCMÉ pensa, recolher o chamado de Jesus para o ano jubilar, teriam sido um pouco mais explícitos e não nos teriam transmitido apenas um acróstico, onde as palavras-chave se tenham que procurar com microscópio.

Apesar dessa objeção, a obra em apreço chama a atenção para um fato por vezes esquecido: Jesus se apresentou como o profeta do perdão e da não-violência, o profeta da libertação através de um sacrifício ativo da própria vida. A análise histórica dos movimentos de libertação do povo judeu, anteriores e posteriores a Cristo nos mostra claramente a tentação da violência que Cristo teve que suportar. Em contraste com essa tentação, aparece o Sermão da Montanha, que, como o autor afirma, não é tão utópico como se costuma pensar. A sua viabilidade prática aparece, de acordo com TROCMÉ, na atuação libertadora de Gandhi.

Esta obra se insere no contexto mais amplo da chamada teologia política, mas o seu autor afirma que "não quer mais deixar-se levar pelas dialéticas do relativo e do absoluto, do horizontal e do vertical, do diabo e de Deus". Mas é possível, assim, compreender a mensagem daquele que proclamou "o único necessário" e que triunfou sobre o "príncipe deste mundo?"

Jesús Hortal, S.J.

BIOT, François: **Teologia de las Realidades políticas**. Tradução do original francês por Alfonso Ortiz García (Lux Mundi 36). 280 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1974.

Este livro se insere na corrente de publicações sobre teologia política dos últimos anos. Mas, em lugar de partir de princípios gerais, para aplicá-los depois às realidades concretas, procura, numa primeira parte, examinar como os cristãos tem atuado na política, em dois momentos históricos particulares (o Segundo Império francês e a época nazi alemã) e em três situações atuais (O Brasil "revolucionário", a Polônia e a Hungria comunistas). A conclusão desta primeira parte é que, apesar de todos os protestos de apoliticidade, a Igreja atuou e atua sempre no campo político.

Contra o que se poderia esperar, dessa primeira parte não se deduzem conclusões práticas imediatas para a ação política. Pelo contrário, BIOT se sente obrigado a uma segunda análise. Interroga-se, por isso, sobre as concepções políticas da Bíblia, tanto do Antigo como do Novo Testamento. As conclusões desta segunda parte podem parecer decepcionantes: apesar de certas linhas ou de certos pensamentos centrais, a Bíblia não contém regras práticas de ação política válidas para o nosso tempo. Para o autor, a situação ambiental em que foram redigidos os escritos bíblicos, mesmo os do Novo Testamento, é tão diferente da nossa que não é possível desenvolver, a partir das palavras de Cristo ou dos Apóstolos, um sistema conceitual teológico-político. Contudo, a inspiração fundamental do respeito e do amor ao homem está bem clara no Novo Testamento, mas deve ser concretizada, através de um pluralismo de opções legítimas.

A terceira parte tenta elaborar algumas "idéias para uma teologia política". Percorrendo dois caminhos diversos (da fé à política e da política à fé), BIOT se inclina francamente por uma opção socialista matizada de qualificativos. Creio que os parágrafos dedicados a examinar as dificuldades e ambigüidades dessa solução deveriam ser mais longos e elaborados. Sobretudo, quando o autor admite a possibilidade do recurso à violência armada como uma opção legítima dentro do cristianismo. É verdade que ele não apresenta essa solução como a única possível, mas também não apresenta outras alternativas concretas. Por que não levantar a possibilidade de uma ação não-violenta, do tipo, digamos, da desenvolvida por Gandhi? Neste sentido, embora BIOT afirme teoricamente o pluralismo de opções políticas dentro da Igreja, na prática apresen-

ta uma única. Com essa restrição, o livro pode servir de base para uma reflexão aprofundada sobre as realidades políticas.

Jesús Hortal, S.J.

KASPER, W.: *Introdución a la fe* (Col. Verdad e Imagen nº 40). Tradução do original alemão de Antonio Caparrós. 224 pp., 19 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1976.

Walter Kasper, teólogo católico, professor de teologia dogmática em Tuebingen, apresenta-nos neste livro uma "orientação dentro da mudança do rumo geral da teologia atual", "uma vinculação entre teoria e práxis", "uma introdução aos problemas fundamentais da teologia sistemática" (p. 9), um confronto responsável entre fé cristã e pensamento moderno (cf p. 12), como diz o título uma "introdução à fé".

O autor centra este estudo em torno da fé. Tendo situado a fé (cap 1º), aborda a problemática do sentido da existência em relação com o problema de Deus (cap 2º). Passa a estudar a "Jesus Cristo: o testemunha da fé" (cap 3º) e os fundamentos da fé, os tradicionais e os atuais (cap 4º). A seguir aprofunda o próprio "ato da fé" (cap 5º) e o seu conteúdo (cap 6º). No capítulo 7º, "o significado salvífico da fé", estuda a problemática da salvação no mundo, sua relação necessária com a "pólis", com a "liberdade para amar" e o "humor". O capítulo 8º aborda diversas facetas e problemas do aspecto eclesial da fé. Os dois últimos capítulos tratam da "historicidade da fé" (cap. 9º) e do "futuro da fé" (cap. 10).

A leitura do livro mostra que o autor alcançou os seus objetivos: de um modo competente e realmente orientador dá uma visão global, sucinta e viva do cerne da mensagem-vida cristã, para ser compreendida e vivida responsabilmente nos dias de hoje.

Claudio L. Bins